

Entrevista

JACINTO SILVA DURO

João Ferreira, pianista

“Sou um pianista a fazer o estudo profundo que faltava da obra de Vianna da Motta”



Jacinto Silva Duro
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

Passou esta semana por Portugal para apresentar o seu mais recente CD, *Viana da Mota: Piano Works*, que será apresentado com um concerto na Galerie Au Médicis, em Paris, no mês que vem. O que podemos encontrar neste trabalho?

São duas peças e cinco rapsódias de Vianna da Motta [segundo a grafia original do nome do pianista português do século XIX]. As obras que estão no CD são inéditas e quase todas foram gravadas pela primeira vez, à excepção de Fantasia, que teve um registo fonográfico em 1986, no ano em que nasci. A compilação conta com a participação de Rui Vieira Nery, que escreveu o texto do folheto, onde contextualiza a época quando foram compostos os temas. Algumas das peças datam de 1885. Nesse texto, fala das obras e da necessidade que os músicos portugueses tinham de ir para o estrangeiro para estudar música, já que não encontravam respostas em Portugal. Para a edição deste CD, que está disponível na loja *online* da Amazon e em formato electrónico, tive o apoio da Antena 2, da AvA Musical Editions, que é a editora do maestro António Victorino de Almeida, da Câmara de Leiria e da Fundação Caixa Agrícola de Leiria.

O que o levou a interessar-se especificamente por Viana da Motta, para a sua investigação?

Quando acabei a licenciatura em Música e Musicologia, na Sorbonne, quis fazer investigação em mestrado. De entre as várias opções, estava inclinado a estudar Franz Liszt, mas depressa percebi que teria maior interesse trabalhar um compositor que tivesse mais por descobrir. Como sou pianista, teria de ser um compositor que se tivesse destacado como pianista ou autor de obras para piano. Viana da Motta era o ideal, até porque sabia que ele havia tido contacto com Franz Liszt. Isso permitiu-me não descartar a hipótese de trabalhar o autor húngaro. Como na Sorbonne são exigidas duas teses, uma em cada ano, a minha primeira foi sobre as influências de Liszt em Vianna da Motta. A segunda foi uma comparação das cinco *Rapsódias Portuguesas* com as 19 *Rapsódias Húngaras*, de Liszt. Consegui uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia e há quatro anos que estou a trabalhar neste projecto. Sou um pianista a fazer o estudo profundo que faltava da obra de Vianna da Motta.

“70% das obras de Vianna da Motta jamais foram publicadas, além de muitos dos seus manuscritos estarem muito gatafunhados e riscados, há compassos que não estão na página certa e podem até estar noutra caixa, noutra instituição. É como se fosse um puzzle”

E qual é o foco da sua investigação?

É uma análise de toda a sua obra com piano. Um estudo da evolução da escrita, em paralelo com a técnica pianística. Ainda sem conclusões definitivas, posso dizer que, a partir de 1891, quando compôs a primeira das rapsódias, houve uma mudança radical nas suas composições. O que o levou a criar estas peças inspiradas em temas folclóricos nacionais, foi o *Ultimatum Britânico*, de 1890, que acabou com o sonho do *Mapa cor-de-rosa*, o projecto português de unir o interior de criar um extenso território africano, entre Angola e Moçambique. A ameaça britânica ficou marcada em muitos artistas, não apenas na música, mas em outros aspectos artísticos. Veja-se A Portuguesa, que, na sua versão original, contava com a estrofe "Contra os Bretões, Marchar! Marchar!".

Viana da Motta demonstra esse espírito combativo e nacionalista?

Sim, tal como Alfredo Keil. A primeira das suas rapsódias, que também é a primeira das suas obras com dimensão nacionalista, ele dedica-a ao rei D. Carlos, que foi obrigado a recuar pelos britânicos, na pretensão do *Mapa cor-de-rosa*. Na sua escrita pianística, este evento alterou imenso as suas obras. Até 1890, tudo o que compunha era fruto da sua criatividade e das regras contrapuntísticas académicas de harmonia, ensinadas no Conservatório Real, em Lisboa, e em Berlim, onde estudou. A partir do momento em que compõe inspirado em temas folclóricos portugueses, fica condicionado. Já não pode compor melodia e harmonia em função uma da outra. Fica limitado e isto tem um impacto enorme sobre a sua escrita. Acredito que uma das conclusões da minha tese será que é por este facto que as suas obras nacionalista são mais "desconfortáveis". Até para serem tocadas, a adaptação das mãos ao teclado é desconfortável, porque ele não compôs tudo de raiz e havia já algo a ditar a criação.

Quanto tempo tem ainda de investigação pela frente?

Espero defender a tese em Setembro de 2019. Porém, como o projecto que me propus fazer tem a ver com toda a escrita pianística e 70% das obras de Vianna da Motta jamais foram publicadas, além de muitos dos seus manuscritos estarem muito gatafunhados e riscados, há compassos que não estão na página certa e podem até estar noutra caixa, noutra instituição. É como se fosse um puzzle. Para fazer esta análise, tenho de reconstruir a obra. Em 2014, tinha publicado as Cinco Rapsódias, mas nunca me tinha aper-

cebido de quão essencial esta questão iria ser na minha investigação. Colaboro com a AvA, a única editora portuguesa que publica partituras de autores nacional, para que se consiga a publicação das obras inéditas do pianista.

Quantas horas pratica à frente do piano, por dia?

Actualmente, porque tenho sido muito solicitado, por causa do CD e do doutoramento, tenho tocado menos. Mas, para a preparação do álbum, estava cerca de oito horas por dia em frente ao teclado. Apresentei o repertório em vários concertos, em Amesterdão, Paris, no Rivoli, no Porto. Até passei pelo Teatro José Lúcio da Silva e Teatro Miguel Franco, em Leiria.

Meritocracia

O pianista que gostava de órgão

O viagem pelo mundo da música começou relativamente tarde para João Ferreira. Tinha 11 anos e era aluno do ciclo preparatório, quando a professora de Música levou para a aula um pequeno teclado. "Achei aquilo interessante e pedi aos meus pais para ir aprender órgão." Eles inscreveram-no em Piano, no Conservatório de Música do Orfeão de Leiria. "Nem sei por que razão não foi em órgão", conta o pianista nascido em Leiria, em 1986. Iniciou em 1997 e em 2005 terminou os estudos. "Fui para Paris. Não entrei logo na Sorbonne, porque nem tinha concorrido. Fui estudar Piano, na École Normale de Musique, que é uma instituição de ensino superior apenas naquele instrumento." Em 2012, concluiu todos os diplomas do ciclo profissional. Em todos os finais de ano, era obrigado a passar um concurso para aceder ao ano seguinte. "É uma meritocracia. É mais exigente do que a Escola Nacional Superior de Música, de Paris." Dois anos antes, tinha começado uma licenciatura em Musicologia, na conceituada Sorbonne e, em final de 2016, iniciou uma investigação para doutoramento, sobre a obra de Vianna da Motta, um pioneiro na composição nacionalista, do século XIX/XX. A ele se deve a reforma do Conservatório Nacional, onde foi director, desde o final da I Guerra Mundial, até 1938. "Ele acabou com a ideia de que, para se ser músico, basta saber música. Um verdadeiro músico tinha de ser uma pessoa completa, que conhecesse outras áreas. Foi um transformador de mentalidades", afirma João Ferreira.